
Elogio da Sombra: relevância da construção identitária por meio da arquitetura japonesa¹

Monique Balan SOBREIRA²

João Paulo HERGESEL³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

De que forma elementos da arquitetura podem contribuir para a formação identitária de determinada cultura? Em *Elogio da Sombra*, Tanizaki aborda alguns parâmetros arquitetônicos que compõem a cultura japonesa e como certos aspectos foram, aos poucos, se “ocidentalizando” após o período da Era Meiji. Nesse sentido, o autor aponta para suas angústias conforme não reconhece mais seu local de pertencimento a partir dessa nova construção arquitetônica em Tóquio. Por fim, dois pensamentos fundamentais da sociedade japonesa, *wabi-sabi* e *ma*, são reconhecidos, nessa obra, como componentes integrantes e marcantes de uma cultura não-ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura nipônica; formação identitária; wabi-sabi; ma.

INTRODUÇÃO

Junichiro Tanizaki nasceu em Tóquio e viveu entre os anos de 1886 e 1965. É considerado um dos maiores autores modernos do Japão, com influências ocidentais de Edgar Allan Poe, Baudelaire — em questão estilística e de gênero — e também dos valores nacionais passados pela escola em que estudou, Tanbiha. Foi membro de uma família de mercadores e morou nos subúrbios de Tokyo em casas majoritariamente de estilo ocidental, o que contribuiu para a descrição dos cenários em seus romances. Seus principais interesses na literatura eram: valorização da beleza e da arte e a preservação da língua, da cultura tradicional e da história japonesa. Sendo assim, suas primeiras obras seguiram o ramo da novela descritiva, possibilitando a criação do cenário de

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do curso de Letras da PUC-Campinas, e-mail: monique.bs1@puc-campinas.edu.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Letras da PUC-Campinas, email: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br

Tóquio e Osaka no século vinte e nos anos trinta, em que focou no estudo do Japão feudal e nas militâncias sociais e políticas perante o regime militar. Também é importante mencionar que o autor recebeu o Imperial Award for Cultural Merit em 1949 e foi eleito o Membro Honorário da American Academy e do National Institut of Arts and Letters em 1964.

Em relação ao contexto histórico referente ao período em que a obra *O elogio da sombra* foi escrita, é marcado pelo Império do Grande Japão, que durou da restauração da Era Meiji até a Segunda Guerra Mundial. Essa restauração, por conta da abertura comercial e o novo relacionamento com os EUA, além de permitir a rápida industrialização japonesa e sua capacidade de virar potência mundial, também trouxe um fator que é alvo de muitas críticas, a militarização, que é um elemento nítido nas produções escritas de Junichiro Tanizaki.

Já no aspecto literário da obra a qual é referida neste texto, o autor utiliza uma quantidade abundante de figuras literárias, tanto figuras de linguagem, como de pensamento, a fim de enfatizar os elementos artísticos e arquitetônicos presentes na obra. Isso também é influência da escola Tanbiha, a qual defendia o esteticismo, em que o foco era na verdadeira beleza da literatura concentrando-se no prazer e nos sentidos. Além disso, sua estruturação se dá em um ensaio corrido e sem capítulos, o que possibilita uma leitura dinâmica. Dessa forma, é válido notar que, por se tratar de uma leitura sem pausas propriamente ditas, a obra carrega um aspecto de ansiedade e inquietação enquanto se lê - o que pode ser causado propositalmente a fim de compactuar com as rápidas e inusitadas mudanças do país.

Diante do contato com essa obra, gerou-se o seguinte problema de pesquisa: como os elementos artísticos e visuais de determinada cultura se manifestam na formação de visão de mundo de determinado indivíduo japonês? Isto é: de que forma a construção arquitetônica observada no ensaio produzido por Junichiro Tanizaki tende a contribuir para demarcar os processos culturais, artísticos e antropológicos no Japão?

Nesse sentido, o artigo aqui proposto, por estar diretamente relacionado com questões arquitetônicas, visa a contribuir com a arte e aprimoramento nos estudos pós-coloniais sobre a cultura oriental, a partir da articulação de conceitos culturais e literários japoneses aplicados no ensaio de Tanizaki. Ao se dedicar nos elementos narrativos e estilísticos do ensaio *O Elogio da Sombra*, pretende-se oferecer uma análise

particular a respeito de um objeto incomum na área acadêmica. A relevância científica pode, ainda, ser destacada pela possibilidade de expor conceitos pouco aprofundados no ocidente, como “wabi-sabi” e “ma”, alargando discussões sobre os fundamentos teórico-metodológicos que compõem os elementos artísticos e psicológicos de determinada cultura.

Portanto, esse artigo tem como objetivo geral compreender a magnitude da identidade cultural, focando nos elementos visuais que compõem a arquitetura japonesa tradicional, para a formação da percepção de mundo de um indivíduo. Para tanto, como objetivos específicos, listam-se: promover um estudo analítico sobre o ensaio de Junichiro Tanizaki, comparar os constituintes culturais ocidentais e orientais e distinguir os contrastes de pensamentos construídos na obra, propondo, assim, a interdisciplinaridade entre as áreas de Letras, Artes e Comunicação.

Para realização do trabalho, portanto, planeja-se lançar mão de uma pesquisa bibliográfica, propondo revisões teóricas sobre os conceitos japoneses de “wabi-sabi” e “ma”, a partir de autores como Michiko Okano (2014;2018) e Alice Yumi Sinzato (2016); e analítico-interpretativas, observando como a construção da identidade se manifesta dentro narrativa, com embasamento de autores como Laís Campos Reis (2015) e Rômulo da Silva Ehalt (2013).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

A obra começa com uma reflexão sobre os efeitos da instalação elétrica no Japão, principalmente sobre a alteração que isso pode causar na arquitetura e nas formas artísticas japonesas. Os japoneses mais tradicionais, ao contrário dos ocidentais, encontraram beleza nas sombras presentes nas construções arquitetônicas e em outros diversos aspectos da população — produções exteriores ao indivíduo e em sua própria pele, por exemplo. A sombra e a penumbra passaram a ser valorizadas, segundo o autor, a partir do momento em que notaram que o elemento sombrio e obscuro era capaz de gerar conforto e paz para a espécie humana, conferindo uma “satisfação de ordem fisiológica” (TANIZAKI, 1999, p.13); os estabelecimentos, as roupas e a própria estética oriental apresentam um viés meditativo e voltado para a perspectiva espiritual da sociedade. Desse modo, tentam sempre se proteger da cor branca. A cor branca necessita de luz para ser apreciada, não possui uma beleza natural, além de ser

desnecessária em muitos momentos - como no dia, por exemplo. Há apenas alguns casos em que os japoneses utilizam a cor branca de forma expressiva: no teatro, isso por conta de contrastes com a luz e de influências europeias.

Mais pra frente, e quase durante toda a obra, Tanizaki aponta algumas diferenças entre o ponto de vista sociocultural oriental e ocidental. Em relação às cores, por exemplo, se comparado com valores ocidentais, a cor branca é apenas algo superficial e sem beleza própria, enquanto a sombra carrega um verdadeiro significado de harmonia por si só. É possível notar essa distinção principalmente no contraste entre as produções de audiovisuais, cinematográficas, artesanais, decorativas e arquitetônicas. Além disso, outro aspecto diferente que é mencionado no ensaio é o recipiente em que se toma sopa. Uma vez que é de costume ocidental utilizar pratos achatados de cores lisas, principalmente da cor branca, a tigela ou o chawan (茶碗) lacado é o que proporciona o prazer estético e gastronômico para os orientais ao se tomar sopa, “missoshiro” (味噌白) em específico. Isso porque o obscuro do recipiente se confunde com o escuro do líquido lodoso da sopa, proporcionando aspectos de profundidade e jogos de luzes que propiciam cores mais apetecíveis, ao contrário da textura lisa e brilhante.

Nota-se, portanto, uma supervalorização estética do que não é o padrão para a cultura europeia, porque os japoneses, por meio de tradições e modos de vidas antepassadas, aprenderam, de certa forma, a ver o belo nas sombras, no obscuro e na irregularidade. A principal característica da cultura ocidental permeia o estado constante de perfeição das coisas, desde a época de Platão (348/347 a.C) até os dias atuais, não atribuindo dignidade a coisas que fogem desse padrão perfeito. Segundo Becker (2006), “o perfeito (per+factum) é, etimologicamente, aquilo que está completo, inteiramente feito”. Dessa forma, tudo que não cabe dentro desses padrões estabelecidos na sociedade ocidental não são dignos de serem contemplados e, após o período de globalização, muitos aspectos ocidentais passaram a influenciar o modo de vida de todos os outros países. Na obra, há também uma indagação do autor perante a influência dessa cultura sobre o Japão, a qual tende a exercer quase que uma relação dicotômica entre as duas civilizações desde o período da Guerra Fria. Segundo Tanizaki (1999) “(...) a nossa própria maneira de pensar e mesmo a nossa literatura não teriam imitado de forma tão servil o Ocidente e quem sabe? Talvez tivéssemos caminhado em direção a um mundo novo completamente original.”

Mais para o final da obra, há mais duas discussões importantes: primeiramente a caracterização do teatro tradicional japonês chamado “kabuki” (歌舞伎), o qual proporcionava uma experiência totalmente diferente antes da introdução dos jogos de luzes brancas no palco, trazidos depois da Era Meiji; e depois a diferença da cor de pele entre as duas civilizações, enquanto a brancura é a condição suprema de beleza corporal para o Ocidente, o contraste de sombra nas peles amarelas é o que expressa o belo para o Oriente. Recapitulando, a Era Meiji, ocorrida entre 1868 e 1912, corresponde à época em que o capitalismo estava em uma trajetória de expansão internacional, criando esferas de influências e monopólios das grandes potências mundiais, europeias em sua maioria, para obter lucros e, segundo Reis (2015), “a importante ideia de que a competição por segurança entre os Estados motiva os agentes a imitar as práticas dos Estados mais bem-sucedidos”. Dessa forma, o Japão viu uma oportunidade de se encaixar no modelo neocolonial proposto por essa fase do capitalismo a partir dos “zaibatsus”, que eram grandes conglomerados industriais concentrados. A partir disso, “o expansionismo neocolonial das potências europeias foi tomado como política pelo Japão, desejoso de se equivaler ao Ocidente” (REIS, 2015, p. 47), introduzindo o imperialismo como forma de governo no país e deixando para trás a influência do modelo tradicional chinês.

Em relação ao “Kabuki” (歌舞伎), este surgiu como uma arte transgressora para as classes sociais mais baixas do Japão na época do Shogunato Tokugawa (por volta de 1600). Suas características principais e originais eram: utilizar divindades xintoístas ou budistas como protagonistas, fazer uma pose elaborada no momento de clímax da história, utilizar a técnica de virar os olhos para o meio do rosto quando quisesse tornar sua expressão mais impactante e uma caminhada marcada por mover os pés e as mãos em várias direções (SÁ, 2017, p. 98). Atualmente, o que se mantém disso é apenas o caráter popular presente nessa forma de teatro, pois, após a Era Meiji, os teatros tradicionais passaram por uma “modernização”. Em 1886, criou-se a Sociedade para a Reforma do Teatro (Engeki Kairyôkai, 演劇界了解), que contou com escritores japoneses que tinham viajado para a Europa e para os Estados Unidos e não escreviam especialmente kabuki. Dessa maneira, mudanças ocorreram e já no início do século XX havia se instalado o “novo kabuki”. O ser humano passa a ser o protagonista da peça, se assemelhando à tragédia grega no aspecto dos semideuses se destacarem pela bondade

de humanidade (SÁ, 2017, p. 101), deixando de lado as divindades de seus cultos religiosos. Mesmo assim, o Kabuki sobreviveu como teatro clássico japonês, só que agora com aspectos ocidentais em sua produção, o que Tanizaki critica fortemente em sua obra.

Por fim, o autor faz uma conexão com a literatura e suas intenções sociais ao relacionar a arquitetura na produção escrita e enfatizar aspectos estéticos através da estilística da língua através de metáforas, rebuscamento, comparações e perífrases. Também é evidente que a literatura está ligada com as Artes e com a História, como mencionado anteriormente nos aspectos que são trazidos no ensaio. Portanto, a partir dessa obra, caminhos são abertos para mostrar que a literatura em si não é uma área de estudo limitada e pode ter diferentes intenções e relações sociais, principalmente em contextos interdisciplinares.

IDENTIDADE

Levando em consideração o período em que Tanizaki viveu, em torno da Era Meiji, e o local em que viveu, é compreensível a busca identitária que o autor traça na arquitetura. Entende-se, aqui, identidade como “as a crucial link between environmental structures and interests” (JEPPERSON; WENDT; KATZEINSTEIN, 1996, p.15, apud REIS, 2015, p. 48), portanto as características ambientais, políticas, sociais, culturais e econômicas produzem efeitos nos comportamentos dos indivíduos de determinado Estado. Em relação ao Japão, a estrutura política adotada na Era Meiji, o imperialismo ou neocolonialismo, como citado anteriormente, alterou completamente todo o funcionamento estrutural da sociedade, a qual já vinha seguindo o modelo chinês há anos. Houve, nessa época, uma tentativa de desligar a imagem “oriental” de sua população e “até meados de 1890, os esforços foram voltados no estabelecimento de molde institucional conforme padrões ocidentais e na modernização estrutural e econômica do país” (REIS, 2015, p. 49). Consequentemente, a hegemonia ocidental tomou conta das grandes cidades — Tokyo, onde morou, principalmente — tanto na imposição de costumes e ideais quanto na arte e esse fenômeno fez com que uma parcela da população japonesa perdesse a conexão que tinha com sua própria cultura, não encontrando mais suas peculiaridades e singularidades dentro de sua própria nação. Mesmo assim, Tanizaki ainda conservou sua naturalidade, pois dois conceitos

essencialmente tradicionais do Japão se encontram, entrelinhas, na formulação de seu ponto de vista dentro da obra, os quais serão expostos a seguir. Dessa forma, o autor se utiliza dessa inquietação para pontuar a importância da estética japonesa para sua população.

O “Ma” (間), como conceito japonês, se trata da consciência do vazio intercalar entre as coisas e as possibilidades, é um termo que carrega bastante subjetividade e abrange todos os aspectos da cultura e da vida oriental, podendo ser aplicado em objetos e em relações sociais (OKANO, 2014, p. 159). Ainda que seja um termo quase incompreensível para os ocidentais, vale-se a tentativa de dizer que a ideia principal do termo é de que no vazio as coisas podem acontecer, as oportunidades podem surgir, a imaginação pode se aflorar e os relacionamentos podem se desenvolver. Agora focando em termos estéticos, o conceito transita entre tentar decifrar o indecifrável e contemplar os vazios propositais presentes nas obras, como se fosse algo que revelasse determinado equilíbrio e, dessa forma, fosse digno de ser valorizado. Esses espaços vazios, aqui com foco em construções arquitetônicas, não se remetem ao caráter pejorativo da ausência, muito pelo contrário, mostram disponibilidade para que as pessoas possam lhes preencher de acordo com a relação que quiserem estabelecer com o ambiente, ainda segundo Sinzato (2015) “procurar o espaço e aproveitá-lo. É no espaço vazio que tudo pode acontecer, tudo pode ser criado” .

Tanizaki, ao fazer suas considerações sobre a cerâmica japonesa, deixa claro a importância das “irregularidades” — chamadas assim no Ocidente — para sua construção. Não se trata da cerâmica em particular, mas a sombra, o vazio e a “usura” são elementos que compõem o caráter subjetivo das artes, dando-lhes singularidade e dignidade de apreço a partir da satisfação fisiológica ao olhar para esses objetos.

"Não é que tenhamos uma reserva a priori relativamente a tudo que brilha, mas a um brilho superficial e gelado, preferimos sempre os reflexos profundos, um pouco velados; esse brilho ligeiramente alterado que evoca irresistivelmente os efeitos do tempo." (TANIZAKI, 1999, p.22)

O “Wabi-sabi” (侘寂) é outro conceito japonês que foi desenvolvido aproximadamente no século XV no período Muromachi, que marcou a ascensão da classe guerreira ao poder, junto com a introdução da cerimônia do chá no país. Em

termos etimológicos e poéticos, “wabi” se remete à “wabu”, que significa entrar em um estado de sofrimento por causa de um amor não correspondido ou de uma falta de sorte e “sabi” se remete à “sabu”, que significava se sentir solitário e triste em um sentido pejorativo (OKANO, 2018). No entanto, após as mudanças de conotações desses termos na Literatura Japonesa e as mudanças sociais pós Era Meiji, a ideia principal desse termo se trata de enxergar beleza em coisas consideradas imperfeitas, incompletas e não convencionais (CLAIR; RIBEIRO, 2016). É a consciência de uma verdade estética estabelecida na aceitação de falhas, impermanências, imperfeições e impossibilidades. De acordo com Clair e Ribeiro (2016) “[...] dedica-se pouca atenção à simetria, proporção ou regularidade formal.” Em contraste com a perfeição pregada na cultura ocidental, ainda de acordo com os autores: “A forma buscada não deve ser apenas fruto de uma concepção artística, pessoal, refém de ideias, e sim aquela que valorize o universal, [...] que seja capaz de transcender a individualidade.” (CLAIR, RIBEIRO, 2016)

Tanizaki, quando cita suas idas a sítios tradicionais de sua cultura reflete sobre o cair da chuva nos soalhos de construções asiáticas e como aquela arquitetura é a responsável por possibilitar uma experiência especial com o som e a imagem desse fenômeno natural tão habitual.

"Comparada à atitude dos Ocidentais que, deliberadamente, decidiram que o local era sujo e que era mesmo preciso evitar fazer-lhe a mínima alusão em público, a nossa é infinitamente mais sábia pois, na verdade, penetramos aí, no âmago do requinte" (TANIZAKI, 1999, p. 12)

Não só aqui, mas em toda construção da obra, a partir da valorização das sombras e das produções autênticas do dia-a-dia, o conceito de “Wabi-sabi” é perceptível. Enquanto, para os ocidentais o fluxo natural das coisas e a espontaneidade são compreendidos como falhas, muito por influência da sociedade imediatista capitalista, esses elementos são o que sustenta o significativo e o respeitável para os orientais. E isso se reflete não só na arquitetura, mas também nas relações sociais e na formação dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que os elementos que constroem a arquitetura japonesa são determinantes, mas não únicos, para a formação da identidade cultural do Japão, que, afinal, é refletida por meio do vínculo da estrutura do ambiente e os interesses de determinado Estado ou povo. Se entendermos arte como prática social e forma de expressão, tanto individual quanto coletiva, não podemos desvinculá-la de reflexos culturais próprios, tendo assim, total potencial para ser um elemento identitário. Portanto, toda reflexão de Tanizaki diante das mudanças na arquitetura japonesa, por conta da “ocidentalização” pós Era Meiji, são pertinentes enquanto cidadão, porque as mudanças que esse período levou ao país afetaram diretamente seu comportamento e sua estrutura social.

De acordo com o autor,

“(...) nós, Orientais, procuramos acomodar-nos aos limites que nos são impostos, que desde sempre nos satisfazemos com a nossa presente condição; conseqüentemente não sentimos repulsa alguma pelo que é obscuro, resignamo-nos a ele como a algo de inevitável: se a luz é fraca, pois que o seja! Mais, afundamo-nos com delícia nas trevas e descobrimos-lhes uma beleza própria. (...) Os Ocidentais, sempre à espreita de progresso, agitam-se incessantemente na procura de uma condição melhor que a atual.” (TANIZAKI, 1999, p. 49)

Percebe-se uma busca, em meio a justaposição das culturas ocidental e oriental, pelo que uma vez já foi popular para ele em sua sociedade em uma tentativa de se conectar com as suas raízes. Toda essa mudança ocorrida nas artes e no regime político do país refletem a “ocidentalização” do Japão no período em que viveu. Escrever uma obra para apreciar o tradicional e mostrar os motivos pelo qual se deve fazer isso, como as questões subjetivas e singulares apresentadas no “wabi-sabi” e no “ma”, revela o esforço em manter sua cultura original viva e digna de continuar sendo benquista por todos os que ainda moram lá.

REFERÊNCIAS

BECKER, Clara. **O avesso do paraíso ou o outro lado da perfeição**. Metamorfoses, Rio de Janeiro, V.8, Novembro de 2006.

CLAIR, Ericson S.; RIBEIRO, João V. Wabi-Sabi, a arte da imperfeição: estética japonesa e alteridade cultural. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, n. 28, p. (205-218), Dezembro de 2016.

OKANO, Michiko. A estética wabi-sabi: complexidade e ambiguidade. **Revista USP**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. (133-155), Abril de 2018.

OKANO, Michiko. Ma – a estética do “entre”. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. (150-164), Fevereiro de 2014.

REIS, Laís Campos. **A hegemonia do "outro", ocidente e imperialismo**: a mudança de identidade japonesa na Era Meiji (1868-1912). 2015. 62 f. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

Sá, M. E. B. de. (2017). **Teatro Kabuki**: das origens à contemporaneidade. Estudos Japoneses, (38), 97-108. <https://doi.org/10.11606/ej.v0i38.148814>

SINZATO, Alice Y. MA, O Vazio Intervalar. **Revista Ciclos**, Florianópolis, V. 2, N. 4, Ano 2, Fevereiro de 2015.

TANIZAKI, Junichiro. **Elogio da Sombra**. Lisboa: Relógio D'água, 1999.